

ENVELHECIMENTO E QUALIDADE DE VIDA: UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ENTRE PROFISSIONAIS DE CCTIS NO PERÍODO DE PANDEMIA DE COVID-19

AGING AND QUALITY OF LIFE: A STUDY ON SOCIAL PRACTICES AND REPRESENTATIONS AMONG CCES' PROFESSIONALS DURING THE COVID-19 PANDEMIC PERIOD

ENVEJECIMIENTO Y CALIDAD DE VIDA: UN ESTUDIO SOBRE PRÁCTICAS Y REPRESENTACIONES SOCIALES ENTRE PROFESIONALES DE LOS CCPMS DURANTE EL PERÍODO DE PANDEMIA DE COVID-19

Thays Hage da Silva¹
Mariana Bonomo²

Resumo

O presente estudo, referenciado pela abordagem sociogenética da Teoria das Representações Sociais, teve como objetivo analisar as representações sociais de velhice entre profissionais dos Centros de Convivência para a Terceira Idade (CCTIs) de Vitória-ES, e as práticas de qualidade de vida promovidas às pessoas idosas, durante a pandemia de Covid-19. Foram analisados, por meio da Teoria Fundamentada nos Dados, 340 vídeos postados em rede social dos CCTIs, entre março e dezembro de 2020. Os resultados obtidos demonstraram seis categorias temáticas: velhice como categoria central, envelhecimento saudável, positividade, produtividade, relações socioafetivas e CCTI na pandemia. A partir do processo de ancoragem, foi possível discutir a atualização das representações de velhice, pelos profissionais, compreendendo ambiguidades entre significados que marcam a velhice indesejada e aquela considerada boa e com qualidade de vida. Identificou-se a importância do processo formativo de profissionais, sobre o envelhecimento, para garantia de direitos e combate à discriminação desta população.

Palavras-chave: Centro de Convivência para a Terceira Idade. Qualidade de vida. Representações Sociais. Velhice.

Abstract

The present study, referenced by the sociogenetic approach of the Theory of Social Representations, aimed to analyze the social representations of old age among professionals from the Centers for Living for the Elderly (CCEs) in Vitória-ES, and the quality of life practices promoted to elderly, during the Covid-19 pandemic. 340 videos, posted on the CCEs' social network between March and December 2020, were analyzed using Grounded Theory. The results obtained showed six thematic categories: old age as a central category, healthy aging, positivity, productivity, socio-affective relationships and CCEs in the pandemic. From the anchoring process, it was possible to discuss the updating of representations of old age by professionals, understanding ambiguities between meanings that mark unwanted old age and that considered good and with quality of life. The importance of the training process of professionals on aging was identified, in order to guarantee rights and combat discrimination in this population.

Keywords: Community Center for the Elderly. Quality of life. Social Representations. Old age.

Resumen

El presente estudio, referenciado por el enfoque sociogenético de la Teoría de las Representaciones Sociales, tuvo como objetivo analizar las representaciones sociales de la vejez entre profesionales de los Centro de Convivencia para Personas Mayores (CCPMs) de Vitória-ES, y las prácticas de calidad de vida promovidas a los ancianos, durante la pandemia de Covid-19. Se analizaron, mediante Grounded Theory, 340 videos publicados en la red

¹ Mestra e doutoranda em Psicologia pelo Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, PPGP/UFES, (2021) e Graduada em Psicologia pela UFES (2018). E-mail: thayshage@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3412-8865>

² Doutora e Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (2010; 2004), com período de estágio doutoral na Università di Bologna/Italia (2008-2009).. E-mail: soffiairedoc@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3919-3976>

social de las CCPMs, entre marzo y diciembre de 2020. Los resultados obtenidos mostraron seis categorías temáticas: vejez como categoría central, envejecimiento saludable, positividad, productividad, relaciones socioafectivas y CCPM en la pandemia. A partir del proceso de anclaje, fue posible discutir la actualización de las representaciones de la vejez, por parte de los profesionales, comprendiendo ambigüedades entre los significados que marcan la vejez no deseada y la considerada buena y con calidad de vida. Se identificó la importancia del proceso de formación de profesionales sobre el envejecimiento, con el fin de garantizar derechos y combatir la discriminación en esta población.

Palabras clave: Centro de Convivencia para Personas Mayores. Calidad de vida. Representaciones Sociales. Vejez.

INTRODUÇÃO

Em meados de março de 2020, o mundo se deparou com a declaração de uma pandemia global que mudou a rotina e a vida da população (DOURADO, 2020, COSTA, 2021, FIOCRUZ, 2022). A pandemia causada pelo novo coronavírus 2019 (Covid-19) se tornou um grande desafio para diversos países, tendo em vista que acometeu mais de 100 países, gerando impactos na saúde e na economia da população mundial (BRITO et al., 2020). A Covid-19 é uma doença causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2), e é infectocontagiosa, tendo alto potencial de disseminação e demandando isolamento social da população para controle de sua propagação (BRITO et al., 2020).

Os impactos na saúde, causados pelo coronavírus, variam de infecções assintomáticas a quadros graves e óbitos (COSTA, 2021), tendo sido a população idosa identificada como principal grupo de risco e com maior probabilidade de desenvolver formas mais graves da doença (DOURADO, 2020, CORREA; JUSTO, 2021, SILVA; TAVARES, 2021). Para além dos riscos físicos, o isolamento social trouxe a este grupo impactos na saúde psicológica e nas relações sociais, uma vez que a ausência de contato ou de participação em atividades sociais está comumente relacionada à solidão, o que aumenta a vulnerabilidade da população idosa, expondo ao risco à depressão ou outros processos de adoecimento psicológico (SILVA ET AL., 2021). Diante desses impactos, de acordo com Henning (2020), a imagem da pessoa idosa como problema social aumentou consideravelmente. As representações sociais do “velho”, como dependente e inútil, se mostraram mais fortes, e este contexto tornou mais visível o modo preconceituoso como a sociedade tem tratado o envelhecimento na atualidade (OLIVEIRA et al., 2020).

Além do contexto de pandemia, alguns países têm passado pelo processo de envelhecimento populacional. Como define Oliveira (2019), este fenômeno ocorre quando a população idosa no país é maior, proporcionalmente, que outros grupos etários. Com o aumento da longevidade e a diminuição das taxas de fecundidade (UNFPA, 2012, ONU, 2019), este processo, no Brasil, se tornou mais evidente nas décadas de 1960 e 1970, o que gerou

demandas sociais de criação de leis e políticas voltadas a esta população, para garantia de seus direitos e vida digna (CÔRTE; BRANDÃO, 2018). Se torna importante ressaltar que, em se tratando do que é a velhice, ainda que tenha um marco cronológico específico, sendo considerada no Brasil a partir dos 60 anos de idade pela Lei 8.842/94 (BRASIL, 1994), o envelhecimento e a velhice são atravessados por diferentes questões biológicas, psicológicas, sociais e culturais (NERI, 2006, OMS, 2005).

Embora o envelhecimento populacional seja um indicativo de longevidade, e demonstre conquistas nas ciências em geral, relacionadas à diminuição da mortalidade, é encarado pelas sociedades como um fardo, sobretudo, fiscal (CASTRO et al., 2020). Há que se considerar, ainda, que as transformações demográficas, econômicas e sociais, provocadas pelo envelhecimento populacional, trazem mudanças substanciais ao Brasil, uma vez que a falta de investimento fiscal e de espaços físico e sociocultural adequados para atender as demandas desta população podem resultar em processos de marginalização social (MINAYO, 2019). Keske e Santos (2019) apontam que o modo como a sociedade compreende e reconhece as necessidades da população idosa, bem como a promoção de práticas frente ao envelhecimento reflete a forma como este tema é abordado na interlocução entre valores socioculturais e ciência, impactando no modo como este grupo irá acessar e ter garantido seus direitos nesta sociedade.

A produção social sobre o processo de envelhecimento tem passado, então, por uma ressignificação dos conceitos de velho e de velhice, ampliando as condições que caracterizam esta etapa da vida, de modo a abranger novos papéis sociais (RODRIGUES; SOARES, 2006, CASTRO ET AL., 2020, TAVARES, 2020). Porém, apesar de alguns avanços, é possível constatar que o preconceito etário no Brasil ainda se mostra presente, e é comumente reforçado pelas mídias e pela sociedade em geral (CASTRO et al., 2020). O idadismo ou etarismo, que diz respeito ao preconceito com a idade (WHO, 2021), bem como a infantilização de pessoas idosas têm se mostrado infiltrados tanto em práticas rotineiras e, por vezes, sutis, como declarações verbais ou gestuais (BUTLER, 1969), quanto em práticas expressamente manifestas, como insultos ou outras formas que demonstram a falta de respeito, agressão, situações de violação de direitos ou exclusão (MINÓ; MELLO, 2021). É possível perceber, ainda, que o incentivo ao excesso de produtividade e positividade, e a tentativa de aproximação desta população aos valores capitalistas, que tem como modelo a ser seguido o que é jovem e novo, também se mostram como formas de preconceito com a população que envelhece (DEBERT, 1997, FÉLIX; SANTOS, 2011, ANDRADE; SILVA, 2019, VASCONCELOS, 2019, SILVA; TAVARES, 2021). Castro et al. (2020) apontam que essas formas de preconceito se

manifestam também no Estado, no desenvolvimento e execução das políticas sociais, que, por vezes, possuem em seu funcionamento caráter discriminatório. Deste modo, as instâncias públicas, junto à sociedade, têm como papel primordial a promoção de direitos e condições dignas de vida à população que envelhece (OMS, 2005; WHO, 2021).

Dentre as instâncias públicas responsáveis pela garantia de direitos à pessoa idosa, destacam-se os Centros de Convivência para a Terceira Idade (CCTIs), do Sistema Único de Assistência Social (SUAS). É importante ressaltar que o CCTI é um tipo de serviço que se insere nos chamados Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV). No município de Vitória-ES, podem ser realizados com pessoas idosas, por meio dos CCTIs ou grupos de convivência, com crianças, por meio do Projeto Caminhando Juntos (CAJUN) e com jovens e adolescentes, por meio do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem) (Prefeitura Municipal de Vitória, s.d.).

De acordo com a Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais (CNAS, 2014), os CCTIs são espaços destinados ao desenvolvimento de atividades de cunho educativo e sociocultural, que visam promoção de autonomia, envelhecimento saudável, sociabilidade, fortalecimento de vínculos familiares e convívio comunitário, prevenindo situações de risco pessoal e social (VERAS, 2011, CNAS, 2014). As intervenções devem considerar os interesses e demandas das pessoas idosas e promover a convivência em grupo, incluindo vivências que valorizem as experiências pessoais dos sujeitos, estimulem a escolha e os desejos dos mesmos (identificando suas necessidades e motivações), e contribuam para o protagonismo social e o estabelecimento de novos projetos de vida (CNAS, 2014, TESTON; MARCON; MARCON, 2014). Além disso, o local deve propiciar interações intergeracionais, com familiares e com a comunidade. A possibilidade de promoção de práticas relacionadas à boa qualidade de vida, por parte dos CCTIs, suscita a necessidade de compreender, portanto, o que é qualidade de vida e quais elementos são considerados em se tratando do contexto da velhice.

Os estudos sobre qualidade de vida na literatura brasileira ganharam importância, segundo Paschoal (2002), em 1992. O aumento da sobrevida da população trouxe demandas de avaliação da qualidade de vida neste novo contexto (PASCHOAL, 2002). O grupo de especialistas da World Health Organization Quality of Life Group - WHOQL Group (1995) definem a qualidade de vida como a percepção dos sujeitos acerca da sua posição na vida em relação ao contexto sociocultural em que está inserido e aos valores sociais de referência, além dos objetivos, expectativas, padrões e preocupações que possui. Deste modo, qualidade de vida tem como determinantes o contexto sociocultural, o meio físico, a dimensão psicológica, os níveis de independência, as relações sociais e as crenças. Em se tratando do

envelhecimento, abarca também construtos como funcionamento dos sentidos, autonomia, atividades passadas, presentes e futuras, participação social, morte e morrer e intimidade (FLECK; CHACHAMOVICH; TRENTINI, 2006).

Walker (2005) aponta que o conceito qualidade de vida na idade avançada é de natureza dinâmica, multidimensional e complexa, e há uma combinação de fatores que influenciam tal condição, como o curso de vida e as situações imediatas. Além disso, há diferenças na avaliação da qualidade de vida entre os diferentes grupos de pessoas idosas, tendo em vista a diversidade de contextos em que estão inseridos (GONZÁLEZ, 2013). É importante ressaltar que a qualidade de vida é definida pelas interpretações do sujeito acerca das condições em que vive e está inserido. Sendo assim, é cada vez mais reconhecida como uma avaliação pessoal que se relaciona à subjetividade de cada pessoa (XAVIER et al., 2003). Almeida, Gutierrez e Marques (2012) apontam que o termo qualidade de vida não se relaciona apenas com a saúde física, como é compartilhado no senso comum, e, para além disso, é erroneamente associado a algo bom, que depende unicamente da força de vontade e atitude individual para alcançá-la. Diferentemente, considera-se a qualidade de vida como dimensão da vida que todos possuem, de modo que os mesmos buscam ou interpretam como boa, dependendo das possibilidades que têm (ALMEIDA; GUTIERREZ; MARQUES, 2012). Diante disso, Neri (2003) afirma a importância científica e social de investigações sobre as condições que permitem uma boa qualidade de vida para pessoas idosas, reconhecendo as variações que tal processo pode abarcar.

Uma alternativa para contato com práticas promotoras de qualidade de vida ocorre por meio da inserção de pessoas idosas em grupos de suporte social. Tais grupos podem proporcionar mudanças na perspectiva social de uma velhice permeada por limitações e incapacidades, uma vez que nesses grupos encontram-se pessoas idosas autônomas e socialmente ativas (MIRANDA; BANHATO, 2008). Deste modo, os CCTIs funcionam como espaços de promoção de qualidade de vida às pessoas idosas, propiciando bem-estar físico, psicológico e social (SOUSA ET AL., 2010, TESTON; MARCON; MARCON, 2014, SCOLARI ET AL., 2020).

Diante do exposto, o presente artigo teve como objetivo analisar as representações sociais de velhice entre profissionais dos Centros de Convivência para a Terceira Idade (CCTIs), de Vitória-ES, e as práticas de qualidade de vida promovidas pelos profissionais às pessoas idosas, no período da pandemia de Covid-19. Para tal, foram analisados vídeos disponibilizados em rede social do serviço. Teve-se como intuito compreender, portanto, quais e como eram as atividades ofertadas às pessoas idosas, principalmente no contexto de

pandemia, e como essas informações sobre qualidade de vida e velhice eram produzidas e propagadas pelos profissionais, tendo em vista que o CCTI é um espaço de referência para muitas pessoas idosas. Destaca-se, ainda, a importância de conhecer os trabalhos desenvolvidos pelos profissionais nos CCTIs, principalmente em um contexto de isolamento social, no qual as pessoas idosas tinham o CCTI como espaço para obter informações sobre os cuidados necessários com a saúde física, psicológica e social.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Tendo em vista o interesse do presente estudo de analisar o modo como profissionais de CCTIs representam a velhice, bem como as práticas de qualidade de vida promovidas às pessoas idosas, a Teoria das Representações Sociais (TRS) apresentou-se como importante referencial teórico-metodológico para esta tarefa. A TRS foi inaugurada por Serge Moscovici em 1961 (Moscovici, 1961/2012), centrada sobre o estudo do universo consensual e seu papel na realidade social cotidiana. Tem como objetivo entender como os indivíduos se apropriam dos diferentes saberes e os transformam para construir, socialmente, a realidade e as visões de mundo, produzindo conhecimentos e guiando as comunicações e as práticas cotidianas (ALMEIDA; SANTOS; TRINDADE, 2000). Deste modo, Jovchelovitch (2008) ressalta a importância de compreender as representações como processos simbólicos, que se relacionam aos arranjos institucionais, sociais e grupais. Diante disso, as representações sociais se tornam importantes na vida cotidiana, pois guiam a forma como a sociedade nomeia, define e interpreta os diferentes aspectos da realidade e de seus objetos sociais.

Diante do interesse nos aspectos que constituem e formam as representações sociais, a vertente utilizada nesta pesquisa foi a abordagem processual, que tem como principal representante Denise Jodelet (JODELET, 1989/2015). Banchs (2000) aponta que esta abordagem compreende o indivíduo ou o grupo como produtores de sentido, e que é na análise das produções simbólicas, dos significados e da linguagem, que os estudos em representações sociais devem se debruçar. Deste modo, o estudo das representações sociais buscam a compreensão do modo como os indivíduos assimilam o que é familiar e o que não é familiar, e como buscam apreender, coletivamente, o que não lhes é familiar, transformando em um campo de significação mais compreendido (JODELET, 1989/2015, MOSCOVICI, 2003/2015). Jesuíno (2014) aponta que este processo é mediado pela atribuição de sentido quando a significação não é óbvia ou dificilmente se encaixa em um conhecimento pré-existente.

Na gênese das representações sociais, dois processos básicos são necessários, a objetivação e a ancoragem (MOSCOVICI, 2003/2015). O primeiro ocorre de modo que o conhecimento sobre o objeto ganhe uma forma específica, e, por meio de uma operação imagética, a palavra atribuída ao objeto é materializada (JODELET, 1984). A ancoragem, por sua vez, se refere ao processo de classificação dos objetos sociais não familiares, em que os indivíduos e grupos nomeiam o desconhecido, introduzindo-o em categorias e sistemas de valores já conhecidos (JODELET, 1984, MOSCOVICI, 2003/2015, TRINDADE; SANTOS; ALMEIDA, 2014, D'ALENCAR ET AL. 2017).

A partir da ancoragem, os grupos interpretam e se comunicam para compor uma linguagem comum, classificando e nomeando, a partir de unidades de significados que dão materialidade ao objeto social (JODELET, 1989/2001, JODELET, 1989/2015, MOSCOVICI, 2003/2015), compreendendo a participação do contexto e de características socioculturais, históricas e institucionais na produção de sentido do mundo e dos objetos sociais (JUSTO; CAMARGO; ALVES, 2014). É possível, então, considerar que as representações sociais têm papel fundamental na orientação das ações sobre o mundo e sobre o outro. Deste modo, representações e práticas sociais são dimensões interdependentes e dialéticas, em que a análise das práticas é essencial para os estudos sobre representações (ALMEIDA; SANTOS; TRINDADE, 2000, JOVCHELOVITCH, 2008).

Considerando estudos sobre as representações sociais da velhice, é possível observar conteúdos acerca de uma imagem negativa associada à pessoa velha/idososa, marcada por representações de sofrimento, medos, limitações, adoecimento e perdas funcionais (FERREIRA et al., 2010, GUERRA; CALDAS, 2010, VIEIRA; LIMA, 2015, FERNANDES; ANDRADE, 2016, MINÓ; MELLO, 2021). Porém, como apontado nos estudos de Rozendo e Justo (2011), Faller, Teston e Marcon (2015) e Vieira e Lima (2015), estas representações nem sempre apresentam imagens negativas da velhice. Assim, é possível perceber nos estudos de Sousa et al. (2010), Castro et al. (2016) e Minó e Mello (2021), representações marcadas por aspectos positivos, voltados à possibilidade de realização de atividades de lazer, maior contato com os familiares, além de demonstrarem que a concepção de viver bem a velhice se relaciona com o bem estar econômico, social, psicológico, autonomia, e cuidados com a beleza. Scolari et al. (2020) apontam, também, a importância da participação em grupos de pessoas idosas para a construção de representações e das identidades desses indivíduos.

É importante ressaltar, ainda, que, tendo em vista que o processo de envelhecimento e a velhice possuem contornos distintos para cada grupo ou indivíduo, não é possível assumir de forma generalizada as representações evidenciadas sobre este processo ou etapa da vida

(MINÓ; MELLO, 2021). Assim como González (2013) conclui, as representações interferem no modo como os indivíduos vivenciam a velhice, uma vez que se relacionam com a dimensão subjetiva de qualidade de vida e contribuem para a construção de sentimentos de satisfação e de bem-estar, de acordo com o contexto e as condições nas quais os indivíduos estão inseridos. González (2013) ressalta que é importante compreender quais representações os atores governamentais, e, conseqüentemente, profissionais que atuam nas políticas públicas, têm da pessoa idosa, uma vez que executam políticas sociais voltadas a este público.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa possui caráter qualitativo, exploratório e descritivo (FLICK, 2012) e trata-se de uma pesquisa documental realizada durante a pandemia de Covid-19, no qual as atividades dos CCTIs estavam sendo realizadas em ambiente virtual, por meio de vídeos postados em rede social do serviço.

A base metodológica foi a Teoria Fundamentada nos Dados (TFD) (GLASER; STRAUSS, 1967), que se caracteriza como um método de coleta e análise comparativa e um conjunto de procedimentos que possuem a finalidade de gerar uma teoria que se fundamenta nos dados, capaz de explicitar a realidade estudada (Tarozzi, 2011). A escolha pelo uso da TFD apoiou-se no interesse de construção de conhecimentos acerca dos significados e das práticas associados ao contexto em análise, de modo que a TFD forneceu aparato para um estudo aprofundado que empregou análises sobre práticas e representações sociais, considerando o contexto do envelhecimento e da qualidade de vida entre pessoas idosas frequentadores do CCTI.

Em se tratando de questões éticas, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Secretaria Municipal de Assistência Social do município e pelo Comitê de Ética em Pesquisa, da Universidade Federal do Espírito Santo, com número CAAE 30252220.6.0000.5542.

FONTE DE DADOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os vídeos analisados foram acessados por meio da rede social dos SCFVs voltados à pessoa idosa, do Município de Vitória/ES, cujo materiais postados eram produzidos pelos profissionais e gestores dos quatro CCTIs existentes no município de Vitória, para as pessoas idosas frequentadores destes serviços. É importante ressaltar que no momento da pandemia, devido ao isolamento social e à impossibilidade de a população idosa frequentar o serviço,

vídeos foram produzidos pelos profissionais e postados nas redes sociais e grupos de *Whatsapp*, para que a oferta de atividades neste período não parasse. Deste modo, foram analisados, neste estudo, os vídeos postados em uma rede social, que não será identificada por questões éticas e preservação da imagem dos profissionais.

No total, foram levantados, transcritos e analisados 340 vídeos postados entre março e dezembro de 2020, durante as duas primeiras ondas da pandemia de Covid-19 no Brasil (FIOCRUZ, 2022). Os critérios de inclusão para as publicações foram: (a) publicação em formato de vídeo; e (b) ter conteúdo informativo, reflexivo, de oficinas ou de homenagem. Foram excluídas as seguintes publicações: (a) lives; (b) dois vídeos referentes ao Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos Caminhando Juntos (Cajun), voltado a crianças e adolescentes; (c) dois vídeos de reportagens; e (d) vídeos repetidos. Os vídeos incluídos eram compostos por conteúdos informativos e explicativos sobre práticas de atividades em geral e reflexões acerca de temas associados à velhice e à qualidade de vida de pessoas idosas, criados pelos profissionais dos CCTIs.

ANÁLISE DE DADOS

O processo de análise dos dados foi orientado pela TFD (GLASER; STRAUSS, 1967). A codificação e a análise integradas possibilitaram a organização de um conjunto de categorias em torno de uma categoria central, que representou o processo social em foco e permitiu compreender o conceito que se relaciona às ações dos atores sociais em relação ao tema em estudo (TAROZZI, 2011). Tal processo de análise dos resultados seguiu as seguintes etapas: (i) codificação aberta, por meio da transcrição dos áudios, codificação linha por linha do conteúdo textual e criação de categorias; (ii) codificação axial, realizada a partir da junção das categorias da codificação aberta, de acordo com as ideias centrais das categorias e definição das propriedades das mesmas; (iii) codificação focalizada, na qual ocorreu a identificação e interligação entre macrocategorias e definição das propriedades das mesmas; e (iv) codificação teórica, momento de estabelecimento de relações e hierarquias entre as categorias, da identificação da categoria central e da integração e delimitação de uma teoria interpretativa sobre os dados encontrados.

RESULTADOS

CONTEXTUALIZAÇÃO DOS DADOS

A partir da análise dos vídeos foi possível contextualizar e diferenciar os tipos de vídeos produzidos pelos profissionais, dividindo-os em quatro tipos: (i) informativos; (ii) de oficinas; (iii) reflexivos; e (iv) de homenagem, assim como pode ser observado na Tabela 1. Tal classificação foi elaborada pelas pesquisadoras, autoras deste trabalho.

Tabela1. Conteúdos dos vídeos analisados

Tipo de conteúdo	Subtipos	Quantidade
Informativos	Sobre o canal	4
	Dicas para lidar com o isolamento	30
	Saúde	15
	Assuntos gerais	18
Oficinas	Atividade física	67
	Artes manuais	56
	Artes cênicas	12
	Informática	20
	Música	26
	Receita	23
	Memória	34
Reflexivos	-	22
Homenagem	-	13

Os vídeos informativos possuem quatro conjuntos de conteúdos principais: 1). material sobre o canal de divulgação no qual os vídeos são postados, tendo como conteúdos a inauguração e a importância do canal, bem como o número de vídeos já postados; 2). dicas para lidar com a pandemia e o isolamento social; 3). sobre saúde, nos quais os profissionais trazem informações importantes sobre saúde física, mental e integral; e 4). sobre assuntos gerais, em que tratam sobre temas relacionados à rotina, datas comemorativas e campanhas sociais ou de conscientização sobre direitos, economia e sustentabilidade.

Os conteúdos presentes nos vídeos de oficinas foram divididos em sete subtipos (atividade física, artes manuais, artes cênicas, informática, música, receita e memória) e, em geral, possuem orientações sobre atividades a serem realizadas, informações sobre temas associados aos tipos de oficinas e/ou instruções para produção de materiais. No que se refere aos vídeos reflexivos, os profissionais abordaram temas sobre o dia a dia da população idosa (tais como a solidão, as dificuldades psicológicas enfrentadas com a pandemia, as amizades e as relações familiares, a importância da resiliência e da positividade, por exemplo). Já os

vídeos de homenagem, estes dizem respeito à produção de conteúdo de imagens, músicas e poesias, pelos profissionais, com o intuito de homenagear as pessoas idosas.

Por meio da codificação linha por linha realizada nos conteúdos verbais dos vídeos, foi possível apreender seis grandes categorias de eixos temáticos, obtidas na etapa de codificação focalizada: (i) velhice; (ii) envelhecimento saudável; (iii) positividade; (iv) produtividade; (v) relações socioafetivas; e (vi) CCTI na pandemia.

A categoria velhice diz respeito ao modo como os profissionais concebem esta etapa da vida. Nela, estão presentes concepções do que acreditam ser pessoa idosa. É possível observar uma comparação intergeracional entre velhice e juventude e velhice e infância, maior valorização da juventude e infantilização da pessoa idosa. A categoria envelhecimento saudável se relaciona a questões que são esperadas e difundidas pelos profissionais, como a velhice considerada boa. Para tal, saúde mental, física e integral são pontos que fazem parte desta categoria.

Temas relacionados à positividade estiveram presentes no discurso dos profissionais, que demonstraram valorizar a ideia do indivíduo virtuoso que cultiva bons sentimentos e comportamentos. Também foram identificados discursos de evitação da negatividade nas situações do cotidiano e valorização da positividade no enfrentamento de dificuldades impostas pela pandemia. O tema produtividade, por sua vez, apareceu relacionado às atividades, oficinas, sugestões e informações para o cotidiano das pessoas idosas, além de frases imperativas sobre a necessidade de movimentação dessas pessoas e de ocupação permanente do tempo.

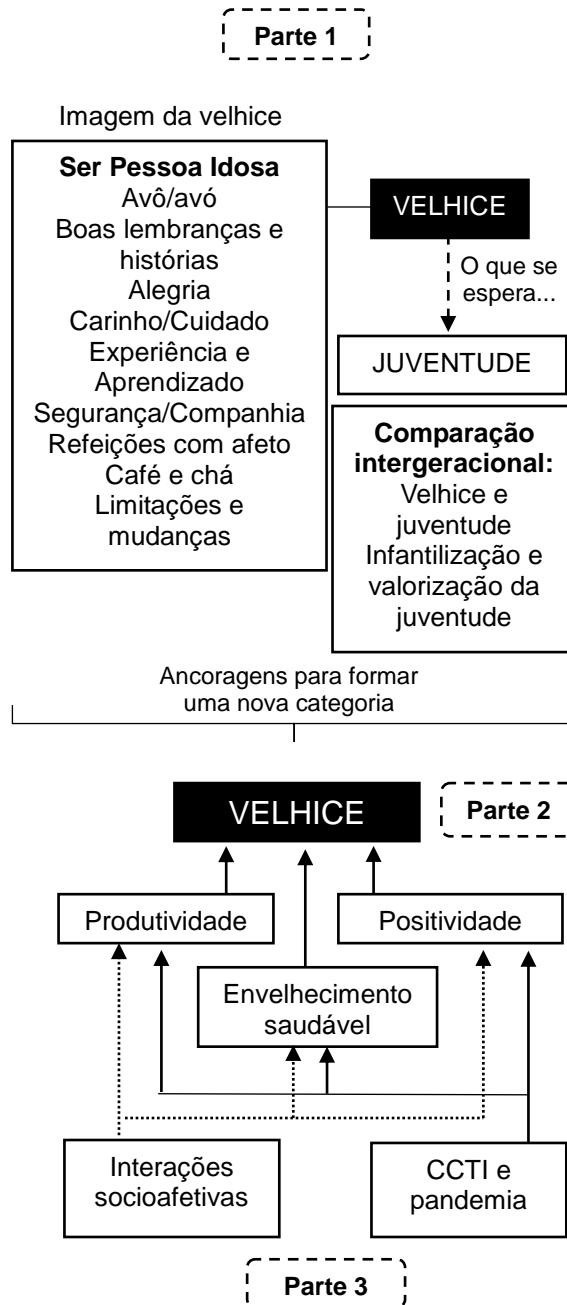
A categoria relações socioafetivas refere-se à importância da convivência e dos afetos e cuidados nas relações estabelecidas pelas pessoas idosas, tanto com os profissionais e colegas do CCTI quanto com familiares e amigos externos, principalmente no momento de isolamento social. Este contexto gerou impactos no andamento das atividades do CCTI, sendo estabelecida a categoria temática CCTI na pandemia. Nesta, estão presentes conteúdos relacionados à reformulação do serviço, ao impacto da pandemia nas atividades e à adaptação das atividades e do contato com os idosos e idosas para o ambiente virtual.

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA TEORIA FUNDAMENTADA NOS DADOS

Tendo em vista a centralidade da velhice, uma vez que é o objeto de representações sociais analisado neste estudo, a teoria tem como categoria temática central a velhice. Para melhor compreensão, a teoria fundamentada formulada acerca do objeto velhice, por meio dos

dados da presente pesquisa, é apresentada por intermédio de um esquema presente na Figura 1.

Figura 1. Campo representacional de velhice



Na visão dos profissionais, assim como ilustrado na parte 1 da Figura 1, ser pessoa idosa está associado à ideia de ser avós, às boas lembranças e histórias e à alegria, sendo vistos como pessoas que ofertam carinho e cuidado, que têm muitas experiências e sabedoria, e que compartilham aprendizado a quem se relaciona com eles. Além disso, a pessoa idosa

passaria a sensação de segurança e de serem boas companhias, assim como demonstrado nas falas:

“E todo mundo tem uma boa lembrança ao lado dos seus avós”; “Ser idoso é ser uma pessoa feliz” (vídeo de homenagem);

“Avós são referência de vida e aprendizado, simplicidade com sabedoria” (vídeo de homenagem).

À pessoa idosa também é associada a ideia de momentos de refeição permeados de afeto:

“Na cozinha, o fogão está sempre aceso, com alguma receita de família” (vídeo de homenagem);

“Que cheirinho de casa de vó!” (vídeo informativo sobre assuntos gerais).

À etapa da velhice são associadas, ainda, mudanças e limitações que os indivíduos passam ao longo do processo de envelhecimento:

“Envelhecimento é um processo natural que pode desencadear alterações [...] o que dificulta para o idoso o gerenciamento das próprias atividades que demandam dessas funções da idade” (vídeo informativo sobre assuntos gerais).

Por vezes, tais mudanças são relacionadas à ideia de dependência e de cuidados tais como aqueles necessários na infância, refletindo em infantilização em muitos momentos. Tal fato é demonstrado, especialmente, em discursos permeados pelo uso de palavras no diminutivo:

“Agora com esse inverno, jogue uma cobertinha sobre a perna, faça um chazinho ou um cafezinho” (vídeo informativo sobre assuntos gerais);

“A gente vai começar sempre com a perninha direita” (vídeo de oficina de atividade física).

Além disso, é possível observar a associação e comparação da velhice com outras gerações, não permitindo que a velhice se distancie da ideia do novo (infância ou juventude), valorizado no pensamento social na atualidade. Espera-se que a pessoa idosa tenha características presentes nestas etapas, sendo comparado ao jovem e à criança em relação à sua produtividade, positividade, saúde e manutenção de suas funções motoras e cognitivas:

“Sem esquecer aqueles idosos que têm a alma mais jovem que a nossa” (vídeo informativo sobre assuntos gerais);

“Viver com alegria rejuvenesce” (vídeo informativo sobre saúde);

“Essa criança, não podemos deixar morrer jamais, devemos conservá-las dentro de nós” (vídeo reflexivo);

“Não devem deixar aquele adulto que vai aparecer para sufocar esse espírito alegre e meio rebelde que toda criança tem” (vídeo reflexivo).

Diante da valorização da juventude e da tentativa de sua associação à velhice, é necessário um processo de familiarização da velhice ao que é valorizado na temporalidade presente, o que pode contribuir para que os profissionais busquem ancorar novos elementos a esta representação anterior, são eles: (i) envelhecimento saudável, (ii) positividade, e (iii) produtividade (parte 2 da Figura 1). A partir desses novos elementos, a categoria velhice boa é criada, como forma de diferenciar idosos e idosas que seguem as características esperadas para essa velhice ideal e idosos e idosas que não se adequam a estes critérios.

O envelhecimento saudável aparece como elemento marcante para a velhice boa. A manutenção da saúde física, mental e integral é amplamente difundida nos discursos dos profissionais:

“Envelhecer sadio, de corpo e alma, é que faz os idosos serem felizes, sem preocupações com as pelanquinhas ou com as rugas já maduras” (vídeo informativo sobre saúde);

“O emocional estando bom, a imunidade estará alta e as doenças não chegarão até você!” (vídeo informativo sobre saúde);

“Tenha disciplina, cuide da sua saúde, eu tenho certeza que você terá uma melhor qualidade de vida” (vídeo de oficina de atividade física).

Tais elementos foram identificados principalmente nos vídeos do tipo informativo de saúde e os de oficinas.

A positividade presente nos discursos, principalmente dos vídeos reflexivos e informativos de dicas para lidar com o isolamento, se mostrou como ponto valorizado socialmente e confere à velhice características que a aproximam de uma velhice ideal, mais próxima da juventude. Para ter uma boa velhice, a pessoa idosa deve ser positiva, cultivando sentimentos como gratidão, fé e otimismo. Tal fato atribui à pessoa idosa um status de indivíduo virtuoso, assim como indicado na frase:

“É importante também quando você for falar com uma pessoa, você transmitir a ela pensamentos positivos, enfatize o otimismo” (vídeo informativo sobre dicas para lidar com o isolamento).

No contexto da pandemia, também foi demandado aos idosos e idosas bons sentimentos e resiliência:

“Vamos seguir distribuindo sorrisos, dançando e cantando juntos. Vivendo as novas experiências, e aprendendo com tudo isso” (vídeo reflexivo).

Além de cultivar bons sentimentos, o discurso é marcado pela negação e ocultação de sentimentos negativos:

“Identifique seus piores defeitos, faça uma lista dos aspectos ruins da sua personalidade e tente lutar contra eles” (vídeo informativo sobre dicas para lidar com o isolamento);

“Se não quiser adoecer, não viva sempre triste! Viver com alegria rejuvenesce” (vídeo informativo sobre saúde).

Nesta dimensão, foi possível identificar nos discursos um excesso de demandas por positividade.

As representações sociais dos profissionais acerca da velhice também são marcadas pela narrativa de produtividade, que diz respeito à ocupação do tempo, à realização de atividades e à produção de materiais. As oficinas cumprem o papel de auxiliar na manutenção das perdas motoras e cognitivas, porém, os discursos acabam por ser excessivos em relação à ocupação do tempo desta pessoa idosa, sendo marcado por imperativos que induzem o indivíduo ao movimento ou a fiscalização das práticas:

“Porque a gente ficar parado por muito tempo não é bacana” (vídeo informativo sobre dicas para lidar com o isolamento);

“Eu faço com que todos os meus dias sejam os mais produtivos possíveis” (vídeo informativo sobre dicas para lidar com o isolamento);

“O que você tem feito para passar seu tempo ocioso no tempo da quarentena?” (vídeo informativo sobre dicas para lidar com o isolamento);

“E hoje a gente está aqui para quem quer ficar deitado. ‘Ah, não quer levantar pra nada?! Então vamos fazer exercício deitado mesmo’.” (vídeo de oficina de atividade física).

Tais fatos ficaram mais evidentes nos vídeos de oficinas e dicas para lidar com o isolamento. Os vídeos informativos sobre o canal, por possuírem conteúdos pontuais e específicos sobre a rede social, não estiveram relacionados com nenhuma das categorias especificamente.

As categorias temáticas geradas por meio da codificação demonstraram dois pontos de confluência, além da produção dos discursos difundidos nos vídeos: interações socioafetivas e CCTI na pandemia (parte 3 da Figura 1). Considerando as relações socioafetivas nas quais pessoas idosas e profissionais estão inseridos e a convivência no CCTI, os profissionais vivenciam relações cotidianas que influenciam seus discursos sobre a velhice.

O compartilhamento e a reformulação de representações, bem como a produção de discursos sobre a velhice boa sofreu reinvenções no momento de pandemia e isolamento social. O CCTI, mais especificamente no contexto de pandemia, atuou como importante agente para a ancoragem de novos significados à velhice, no contexto do grupo em questão. Por se tratar de um serviço voltado à qualidade de vida da população idosa, seu foco de atuação fundamentou-se na promoção de saúde e bem-estar. Deste modo, as representações de velhice entre os profissionais se voltaram ao cuidado à pessoa idosa, que se intensificou, uma vez que a velhice boa e ativa foi ameaçada pelo isolamento social. Deste modo, as temporalidades e tensionamentos da vida cotidiana deram contornos ao que estes profissionais

de CCTIs compreendiam por velhice boa, marcada pelo envelhecimento saudável, pela positividade e produtividade, e quais práticas são necessárias para a ela se adequar e, conseqüentemente, ter qualidade de vida no contexto em que estão inseridos.

DISCUSSÃO

A partir do discurso sobre o que é ser pessoa idosa, foi possível apreender que os profissionais trazem imagens de uma velhice marcada por estereótipos sociais considerados positivos, como a associação aos avós, à sabedoria e à alegria, e também a relacionam a limitações e mudanças ocasionadas pela velhice. No que se refere aos estereótipos negativos associados à velhice, foram encontrados elementos como a dependência, o ócio e a perda de capacidades motoras (FERREIRA ET AL., 2010, GUERRA; CALDAS, 2010, VIEIRA; LIMA, 2015, FERNANDES; ANDRADE, 2016, MINÓ; MELLO, 2021), que se mostram no discurso dos profissionais de forma ora sutil, ora explícita, bem como o seu contraponto a partir dos valores contemporâneos de produtividade e culto ao novo (DEBERT, 1997, SILVA; TAVARES, 2021). Os estereótipos acerca da velhice oscilam, portanto, entre pontos positivos e negativos, sendo ambivalentes, assim como demonstrado nos estudos de Rozendo e Justo (2011), Faller Teston e Marcon (2015) e Vieira e Lima (2015).

A imagem social da pessoa idosa, formulada por meio de características como ser feliz, boa companhia e sábio(a), também parece se relacionar com valores sociais contemporâneos de uma vida ativa, produtiva e positiva, ambigüidades igualmente encontradas nos estudos de Félix e Santos (2011). Por outro lado, a concepção do ser pessoa idosa, com uma proeminência de características consideradas positivas socialmente, pode estar sendo produzida e compartilhada como forma de amenizar sua desvalorização, como evidenciado nas narrativas dos profissionais. É importante ressaltar, que, assim como os estereótipos negativos, os estereótipos positivos podem ter impactos negativos e contribuir para a manutenção do baixo status de grupos socialmente desvalorizados (VIEIRA; LIMA, 2015).

Os elementos descritos em relação ao ser pessoa idosa pelos profissionais (parte 1 da Figura 1) se mostram insuficientes e defasados tendo em vista a ação do tempo e das mudanças sociais que demandam atualizações nas representações e práticas sociais, de modo que a imagem da pessoa idosa deve ser adequada a uma temporalidade que, no presente, é marcada pela valorização da produtividade e do novo (DEBERT, 1997, SILVA; TAVARES, 2021). Ao analisar o discurso dos profissionais é possível perceber que atualizações a estas representações estão em curso. A ideia da pessoa idosa associada ao papel de avós,

bonzinhos, que tomam chá, são dependentes e tem o tempo ocioso não é condizente com a realidade de todos os indivíduos, como afirmam Guerra e Caldas (2010). Assim, a ideia anterior do ser pessoa idosa, que se relaciona com as características do velho(a), já não cabe mais (MINÓ; MELLO, 2021), especialmente considerando o contexto de promoção de valores juvenis, como ideais para todas as idades (CASTRO ET AL., 2020, MINÓ; MELLO, 2021, SILVA; TAVARES, 2021). Não à toa, a tentativa de aproximação com a juventude se mostra presente na composição das representações sociais da velhice pelos profissionais dos CCTIs. Mesmo quando tentam aceitar e afirmar os direitos e o lugar da velhice na sociedade, essa estratégia, que comporta dissonâncias e ambiguidades (JODELET, 1989/2015), manifesta-se relacionada à juventude, como forma de se tornar menos aversiva, e é demandado da pessoa idosa que se vista de comportamentos considerados juvenis.

Diante do processo de envelhecimento populacional e das mudanças temporais e sócio-históricas, além da ação de tradições e valores sociais, as representações sociais de velhice são atualizadas pelos profissionais, ancoradas em valores marcados pelas diferentes temporalidades, para que a ideia de velhice se aproxime do que é familiar e socialmente aceito (MOSCOVICI, 1961/2012, JODELET, 1989/2015, MOSCOVICI, 2003/2015). Tendo em vista que os valores sociais atuais são marcados pela produtividade, ocupação do tempo, positividade e manutenção da saúde e bem estar, que marcam discursos e práticas, as representações sociais de velhice entre os profissionais poderão se ancorar em tais valores, na busca pela familiaridade (DEBERT, 1997, RODRIGUES; SOARES, 2006), complementando e atualizando o campo de significados a partir do ambiente em que estão inseridos (MOSCOVICI, 2003/2015) (parte 2 da Figura 1).

O processo de atualização das representações e ancoragens pode ser melhor compreendido pela classificação diagnóstica, proposta por Jodelet (1989/2015). Esta classificação ocorre quando a pessoa idosa é classificada com determinadas características, como as explicitadas na parte 1 da Figura 1. Assim como apontado por Jodelet (1989/2015), esta categorização é marcada por uma tomada de distância do objeto, e, a partir disso, ocorre a constituição de um modelo, aparentemente positivo, acerca da velhice, porém, permeado por estereótipos. A partir da imagem da pessoa idosa, que se mostra defasada, há o estabelecimento de uma categorização atualizada, denominada velhice boa. Esta nova velhice se ancora a valores como o envelhecimento ativo (OMS, 2005), a produtividade e a positividade (ANDRADE; SILVA, 2019, VASCONCELOS, 2019).

Moscovici (1961/2012) aponta, ainda, que, no processo de classificação, são definidas características comuns a cada categoria, e diante dos comportamentos e práticas sociais

esperados, são atribuídos nomes aos conjuntos específicos. Assim, a pessoa idosa que cultiva bons comportamentos é tida como virtuosa, que, somado aos bons sentimentos, se traduz na positividade. Já o cuidado com a saúde física, mental e integral, está catalogado pelos profissionais como envelhecimento saudável. E, por fim, o acompanhamento e a realização das atividades, propostas como meio para ocupação do tempo, diz respeito a um conjunto de práticas relacionadas à produtividade. Deste modo, diante da categorização (MOSCOVICI, 1961/2012, JODELET, 1989/2015), há demarcação de atitudes acerca da velhice boa, e é instaurada uma hierarquia entre quem tem a velhice boa e quem não a tem. A pessoa idosa que tem a velhice boa é a que segue todas as regras presentes nos discursos dos profissionais, a que não tem é a que não participa do CCTI, não realiza as atividades ou descumpra o que é demandado.

O trabalho de elaboração das categorizações, como apontado por Jodelet (1989/2015), define o status do indivíduo no grupo, uma vez que quem tem a velhice boa poderá ser mais bem aceita pelos colegas do CCTI e pelos profissionais, em detrimento de quem não têm as práticas exigidas para a velhice boa, e que também não são valorizadas socialmente (TESTON; MARCON; MARCON, 2014, MINÓ; MELLO, 2021). Além disso, as categorizações também poderão definir o status do grupo do CCTI, como um grupo de pessoas que possuem a velhice boa, no imaginário dos usuários do serviço, como mostram Miranda e Banhato (2008) e Scolari et al., (2020), em seus estudos. Assim, as pessoas são classificadas e reclassificadas mediante suas práticas, tendo em vista que estas representações são fluídas e se fazem e refazem nos diferentes contextos (JODELET, 1989/2015, MOSCOVICI, 2003/2015, JUSTO; CAMARGO; ALVES, 2014).

Segundo Jodelet (1989/2015), o processo de categorização, ainda que facilite os processos cognitivos e seja, muitas vezes, produzido de forma “ingênua”, pode trazer problemas ao contexto social. A criação de uma categoria nova pode gerar dicotomia estável, separando o ser pessoa idosa em dois polos contrários, como também pode ser observado no estudo de d’Alencar (2017). O primeiro, explicitamente definido pelos profissionais em seu discurso, diz respeito à velhice boa, ativa e considerada ideal, sendo amplamente valorizada, que assume um status privativo, assim como estabelecido por Jodelet (1989/2015). Em contrapartida, o segundo polo assume o lugar dos que não têm a velhice boa, que seriam aqueles que não têm uma vida ativa.

A criação de uma categoria que é valorizada em detrimento de outra pode pressionar as pessoas idosas a se adequarem ao esperado (DEBERT, 1997). Essas categorias podem atuar na orientação dos indivíduos na sociedade e guiar comportamentos diários, sendo utilizadas e

compartilhadas no cotidiano de forma naturalizada (JODELET, 1989/2015). A supervalorização da pessoa idosa ativa, por exemplo, pode ser uma das expressões desse processo, assim como também demonstram Ferreira et al. (2010).

O processo de classificação do objeto social velhice, bem como a produção e compartilhamento das representações sociais desta etapa da vida (JODELET, 1989, 2015, MOSCOVICI, 1961/2012) se mostram presentes nos discursos de profissionais que não apenas trabalham com pessoas idosas, mas são porta-vozes de uma política pública voltada à população idosa. Este discurso e as práticas relacionadas são mediados pelo processo de comunicação, e é a partir deste processo que, cognitiva e linguisticamente, nomeações são elaboradas ao indivíduo que envelhece, por meio de uma linguagem acessível, a fim de se compreender facilmente a mensagem (JODELET, 1989/2015, MOSCOVICI, 2003/2015, TRINDADE; SANTOS; ALMEIDA, 2014).

Ainda que os profissionais dos CCTIs tenham conhecimentos científicos fundamentados em suas áreas de atuação, é também a partir da experiência diária que estes vão recriando significados sobre a velhice, junto às pessoas idosas e à política do serviço. Nos compartilhamentos diários, estes significados vão ganhando forma, se organizando e desorganizando em função da dinâmica em curso. Deste modo, como aponta Jodelet (1989/2015), estes profissionais combinam várias áreas de conhecimento e modos de pensamento para criar uma imagem com significados sobre a velhice. Assim, no dia a dia a naturalização dos significados vai traduzindo esse campo de significação em “verdades comuns”, que possuem trajetória icônica e linguística e que buscam normatizar o que é a velhice e qual é a velhice que se espera aos indivíduos (MOSCOVICI, 1961/2012, JODELET, 1989/2015).

É importante salientar que as práticas promovidas pelos profissionais dos CCTIs são de grande importância para a promoção de qualidade de vida às pessoas idosas, assim como é demonstrado por Teston, Marcon e Marcon (2014) e Veras (2011). Este serviço tem por finalidade promover qualidade de vida aos sujeitos (CNAS, 2014), e se esforçou para o cumprimento deste objetivo, mesmo em um contexto de pandemia. Porém, o cuidado para garantir este objetivo acaba por ocorrer pautado no excesso percebido nos discursos de grande valorização da positividade e da produtividade, bem como na falta de espaços para a vivência e acolhimento de sentimentos ou situações negativas.

Rodrigues e Soares (2006) apontam que a velhice acaba sendo associada a uma perspectiva vinculada às ações positivas que visem mudança e evolução, nas quais a pessoa idosa ocupa uma posição ativa dentro do seu processo de envelhecimento. Porém, o excesso

de positividade, assim como mostram Andrade e Silva (2019), faz com que o indivíduo seja impulsionado a guiar sua própria imagem, almejando uma felicidade aparentemente fácil de ser conquistada, que, muitas vezes, não existe na esfera da vida real e cotidiana. A busca excessiva pela positividade pode, portanto, acarretar a negligência aos sentimentos negativos (RODRIGUES; SOARES, 2006).

A pandemia trouxe impactos ao funcionamento dos CCTIs e, também, das representações sociais acerca da velhice. Silva e Tavares (2021) apontam que, nas discursividades da pandemia, uma reinvenção da velhice teve que ocorrer, e ainda está em curso, gerando novas formas de enfrentamentos e ajustes aos processos de biossegurança e aos saberes sociais. Assim, a temporalidade traz às representações, às práticas e aos discursos em geral novas roupagens, que reafirmam os cuidados, às vezes, excessivos, relacionados à saúde, à produtividade e à positividade.

Considerando o caráter do cuidado presente nos CCTIs, a vigilância para adequação à categoria de velhice (que é considerada ideal) se torna quase que imperativa. Esta vigilância aumenta ainda mais em um contexto de isolamento social, tendo em vista o medo das perdas pela falta de atividades presenciais, uma vez que estes indivíduos foram considerados grupos de risco para a Covid-19 (DOURADO, 2020, CORREA; JUSTO, 2021, SILVA; TAVARES, 2021). Sabe-se que as perdas no processo de envelhecimento são reais e podem ocorrer de forma rápida em alguns contextos (NERI, 2006, GUERRA; CALDAS, 2010). Deste modo, a dimensão das perdas é ativada e se mostra mais presente nas representações de velhice, em que a preocupação abre espaço para uma maior vigilância e fortalecimento de discursos que visem a produtividade, a manutenção da saúde e a positividade. O grande incentivo à participação das pessoas idosas em atividades online e a supervalorização da velhice ativa podem funcionar, também, como formas de fiscalização e acompanhamento do processo de envelhecimento por meio virtual, para maior controle de comportamentos diferentes do esperado, na pandemia.

Diante dos processos apresentados, de ancoragens e das atualizações das representações sociais, orientações são criadas como modos de promover práticas à população idosa que vão ao encontro da boa velhice, marcada pela qualidade de vida, autonomia e envelhecimento ativo. Silva e Tavares (2021) analisam que a existência de diversas técnicas e estratégias passadas às pessoas idosas para gestão de sua própria vida faz com que estes se deparem com uma rede de discursos que poderão influenciar seu modo de pensar e agir, e suas subjetividades. Deste modo, foi possível perceber que tais representações são marcadas por valores socialmente positivados - de ideais de juventude,

envelhecimento saudável, positividade e produtividade -, por vezes, em excesso. Os discursos dos profissionais, portanto, podem ter impacto, também, nas representações e práticas de pessoas idosas que frequentam os CCTIs, posto que este espaço se torna um referencial para as pessoas, com dimensão prática na vida cotidiana (ALMEIDA; SANTOS; TRINDADE, 2000, MOSCOVICI, 2003/2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo investigou o processo de construção do objeto social velhice, por parte de profissionais, em CCTIs de Vitória-ES e as práticas promotoras de qualidade de vida nesse contexto. A partir da abordagem sociogenética das representações sociais, foi possível apreender os processos de ancoragens para atualização e instrumentalização das representações sociais de velhice no contexto atual, que inclui a temporalidade da pandemia de Covid-19.

Tendo em vista as limitações impostas pelo contexto de pandemia, a presente pesquisa teve como limitação o acesso apenas aos vídeos, sendo excluídas as lives e as imagens. Além disso, tendo em vista o objetivo da presente pesquisa de compreender as representações e práticas sociais circunscritas em um contexto que possui especificidades, se torna importante ressaltar que a criação de uma interpretação integrada sobre o fenômeno é momentânea e contextual, assim, não teve como intuito a generalização dos resultados encontrados para outros contextos.

A partir das análises realizadas, foi possível elaborar uma teoria interpretativa centrada nos dados a respeito das representações sociais de velhice e das práticas de qualidade de vida, por profissionais, como previsto pela TFD. O ponto principal dessa construção e compartilhamento de imagens e práticas acerca da velhice e da qualidade de vida para este grupo se relaciona à tentativa de aproximação da velhice de uma imagem associada a questões que marcam a temporalidade atual, como a valorização da saúde integral, da juventude, da positividade e da produtividade. Por vezes, essa valorização se mostrou de forma exacerbada, na busca de negar questões inerentes ao processo de envelhecimento.

Em um contexto social em que a população idosa se torna cada vez maior, é importante que pesquisadores se debrucem sobre temáticas relacionadas à velhice, e que profissionais que atuam com esta população passem por processos formativos, de modo que possam contribuir para a garantia de direitos das pessoas idosas e combater processos de discriminação de diferentes ordens. Considerando, portanto, que as políticas públicas têm

papel fundamental neste processo, sugere-se, assim, estudos que analisem as políticas voltadas à população idosa no geral, e também as relações entre os CCTIs e os diferentes processos de envelhecimento, respeitando a diversidade de contextos socioterritoriais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima de Souza; TRINDADE, Zeidi Araújo. Representações e práticas sociais: contribuições teóricas e dificuldades metodológicas. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 3, p. 257-267, 2000.

ALMEIDA, Marcos Antônio Bettine de; GUTIERREZ, Gustavo Luis; MARQUES, Renato. **Qualidade de vida**. São Paulo: Edições EACH, 2012.

ANDRADE, Eliane Righi de; SILVA, Tarcísio Torres. Excesso e positividade na constituição do sujeito: uma reflexão sobre aplicativos de relacionamento. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 13, n. 3, p. 141-161, 2019.

BANCHS, Maria Auxiliadora. Aproximaciones procesuales y estructurales al estudio de las representaciones sociales. **Papers on Social Representations - Textes sur les représentations sociales**, v.9, s/n, p. 1-15, 2000.

BRASIL, **Lei nº 8842, de 4 de janeiro de 1994**. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Brasília-DF, 1993.

BRITO, Sávio Breno Pires; BRAGA, Isaque Oliveira; CUNHA, Carolina Coelho; PALÁCIO, Maria Augusta Vasconcelos; TAKENAMIIUKARY. Pandemia da COVID-19: o maior desafio do século XXI. **Vigilância Sanitária em Debate: Sociedade, Ciência & Tecnologia [en linea]**, v.8, n.2, p.54-63, 2020.

BUTLER, Robert Neil. Age-ism: Another form of bigotry. **The Gerontologist -Oxford**, v.9, n.4, p. 243-246, 1969.

CASTRO, Amanda; ANTUNES, Larissa; BRITO, Annie Mehes Maldonado; CAMARGO, Brígido Vizeu. Representações sociais do envelhecimento e do rejuvenescimento para mulheres que adotam práticas de rejuvenescimento. **Psico Porto Alegre**, v.47, n.4, 319-330, 2016.

CASTRO, Beatriz Rodrigues; SILVA, Giovana Oliveira da; CARDOSO, Andrezza Veridyanna; ROCHA, Luanna Sousa; CHARIGLIONE, Isabelle Patrícia Freitas Soares. A expressão do idadismo em tempos de COVID-19: Uma reflexão teórica. **Revista Kairós-Gerontologia**, v.23, n. 28, p. 479-497, 2020.

CONSELHO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL (CNAS). **Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais**. Brasília (2014).

CORREA, Mariele Rodrigues; JUSTO, José Sterza. Pandemia e envelhecimento. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 20, ed. especial fev., p. 50-60, 2021.

CÔRTE, Beltrina; BRANDÃO, Vera. Longevidade Avançada - A reinvenção do tempo. **Revista Kairós-Gerontologia**, v.21, n.1, p.213-241, 2018.

COSTA, Raíssa Maria Alves Soares. Ageísmo em tempos de pandemia: Desvelando o preconceito contra idosos no Brasil. **Revista Longevidade**, s/v, n. 9, p.5-14, 2021.

D'ALENCAR, Raimunda Silva; LAVINSKY, Andrea Evangelista; LEVI, Talita Machado; SANTOS, Ariadne Nascimento. Ancoragem das representações sociais: o lugar do velho na percepção de estudantes de enfermagem. In: D'ALENCAR. **A representação social na construção da velhice**. Bahia: Editus, 2017.

DEBERT, Guita Grin (1997). A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.12, n.34, p. 39-56, 1997.

DOURADO, Simone Pereira da Costa. A pandemia de COVID-19 e a conversão de idosos em "grupo de risco". **Cadernos de Campo**, São Paulo-SP, v.29(supl), p.153-162, 2020.

FALLER, Jossiana Wilke; TESTON, Elen Ferraz; MARCON, Sonia Silva. A velhice na percepção de idosos de diferentes nacionalidades. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 24, n.1, p.128-137, 2015.

FÉLIX, Livia Botelho; SANTOS, Maria de Fátima Souza. A velhice na mídia escrita: um estudo em representações sociais. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v. 8, n.3, p. 363-374, 2011.

FERNANDES, Janaina da Silva Gonçalves; ANDRADE, Márcia Siqueira de. Representações sociais de idosos sobre velhice. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v.68, n.2, p.48-59, 2016.

FERREIRA, Olívia Galvão Lucena; MACIEL, Silvana Carneiro; SILVA, Antonia Oliveira; SÁ, Roseane Christina da Nova; MOREIRA, Maria Adelaide Silva P. Significados atribuídos ao envelhecimento: idoso, velho e idoso ativo. **Psico-USF**, v.15, p.357-364, 2010.

FLECK, Marcelo Pio de Almeida; CHACHAMOVICH, Eduardo; TRENTINI, Carissa. Desenvolvimento e validação da versão em Português do módulo WHOQOL-OLD. **Revista de Saúde Pública**, v. 40, n.5, p.785-791, 2006.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Penso Editora, 2012.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). Boletim – Observatório Covid-19. Rio de Janeiro (2022).

GLASER, Barney Galland; STRAUSS, Anselm Leonard. **The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research**. New York: Aldine De Gruyter, 1967.

GUERRA, Ana Carolina Lima Cavaletti; CALDAS, Célia Pereira. Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, p.2931-2940, 2010.

GONZÁLEZ, Martha de Alba. Experiencias de envejecimiento en la Ciudad de México: un estudio de representaciones socioespaciales y calidad de vida. In FLORES-PALACIOS, **Representaciones sociales y contextos de investigación con perspectiva de género**. Cuernavaca: CRIM, 2013.

- HENNING, Carlos Eduardo. Nem no Mesmo Barco nem nos Mesmos Mares: gerontocídios, práticas necropolíticas de governo e discursos sobre velhices na pandemia da COVID-19. **Cadernos de Campo - São Paulo**, v.29, n.1, p.150-155, 2020.
- JESUÍNO, Jorge Correia. Um conceito reencontrado. In: ALMEIDA; SANTOS; TRINDADE. **Teoria das representações sociais: 50 anos**. 2. ed. Brasília: Technopolitik. 2014.
- JODELET, Denise. La representación social: fenómenos, concepto y teoría. In: MOSCOVICI. *Psicología Social II: Pensamiento y vida social, Psicología Social y problemas sociales* (pp. 469-494). Espanha: Paidós, 1984.
- JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In JODELET. **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001. (Obra original publicada em 1989)
- JODELET, Denise. **Loucura e representações sociais**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2015. (Obra original publicada em 1989).
- JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os contextos do saber: representações, comunidade e cultura**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- JUSTO, Ana Maria, CAMARGO, Brígido Vizeu, & ALVES, Catarina Durante Bergue (2014). Os efeitos de contexto nas representações sociais sobre o corpo. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 30, n.3, p.287-297, 2014.
- KESKE, Henrique; SANTOS, Everton-Rodrigo. O envelhecer digno como direito fundamental da vida humana. **Revista de Bioética y Derecho**, s/v, n.45, p. 163-178, 2019.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. O imperativo de cuidar da pessoa idosa dependente. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n.1, p.247-252, 2019.
- MINÓ, Nádia Marota; MELLO, Rita Márcia Andrade Vaz de. Representação da velhice: reflexões sobre estereótipo, preconceito e estigmatização dos idosos. **Oikos: Família e Sociedade em Debate**, v. 32, n.1, p.273-298, 2021.
- MIRANDA, Luciene Corrêa; BANHATO, Eliane Ferreira Carvalho. Qualidade de vida na terceira idade: a influência da participação em grupos. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v.2, n.1, p. 69-80, 2008.
- MOSCOVICI, Serge. A psicanálise, sua imagem e seu público. Petrópolis: Vozes, 2012. (Obra original publicada em 1961).
- MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigações em psicologia social. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2015. (Obra original publicada em 2003).
- NERI, Anita Liberalesso. Atitudes e crenças sobre velhice: análise de conteúdo de textos do jornal O Estado de São Paulo publicados entre 1995 e 2002. **As múltiplas faces da velhice no Brasil**, v. 2, n. 23, p.13-54, 2003.
- NERI, Anita Liberalesso. O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento. **Temas em psicologia**, v.14, n.1, p.17-34, 2006.

OLIVEIRA, Anderson Silva. (2019). Transição demográfica, transição epidemiológica e envelhecimento populacional no Brasil. **Hygeia-Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, v.15, n.32, p.69-79, 2019.

OLIVEIRA, Alessandra Souza de; LOPES, Arianna Oliveira Santana; SANTANA, Elaine dos Santos; GOBIRA, Nádia Cristina Moraes Sampaio; MIGUENS, Layanne Christinne dos Passos; REIS, Luana Araújo dos; REIS, Luciana Araújo dos. Representações sociais de idosos sobre a COVID-19: análise das imagens publicadas no discurso midiático. **Revista Kairós: Gerontologia**, v.23, n.28, p.461-477, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília (2005).

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **World Population Prospects 2019: Highlights**. United Nations, Department of Economic and Social Affairs. (2019).

PASCHOAL, Sérgio Márcio Pacheco. Qualidade de vida na velhice. In: FREITAS; PY. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 3 ed. São Paulo: Grupo Editorial Nacional, 2002.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. Carta de serviços – Assistência Social. (s.d.). Disponível em: < <https://cartadeservicos.vitoria.es.gov.br/areas/1-Assistencia-Social/> >

RODRIGUES, Lizete de Souza; SOARES, Geraldo Antônio. Velho, idoso e terceira idade na sociedade contemporânea. **Revista Ágora**, v.4, n.1, p.1-29, 2006.

ROZENDO, Adriano da Silva; JUSTO, José Sterza. (2011). Velhice e Terceira Idade: tempo, espaço e subjetividade. **Revista Kairós: Gerontologia**, v. 14, n.2, p.143-159, 2011.

SCOLARI, Giovana Aparecida de Souza; DERHUN, Flávia Maria; RISSARDO, Leidyani Karina; BALDISSERA, Vanessa Denardi Antoniassi; RADOVANOVIC, Cremilde Aparecida Trindade; CARREIRA, Lígia. A participação no centro de convivência para idosos: repercussões e desafios. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.73, suppl 3, p.1-8, 2020.

SILVA, Marcela Fernandes; SILVA, Diego Salvador Muniz da; BACURAU, Aldiane Gomes de Macedo; FRANCISCO, Priscila Maria Stolses Bergamo; ASSUMPÇÃO, Daniela de; NERI, Anita Liberalesso; BORIM, Flávia Silva Arbex. (2021). Ageismo contra idosos no contexto da pandemia da covid-19: uma revisão integrativa. **Revista de Saúde Pública**, v.55, n.4, p. 1-14, 2021.

SILVA, Marluce Pereira; TAVARES, Edgley Freire. Discurso, biopolítica e modos de subjetivação do idoso na pandemia. **Matraga-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v.28, n.53, p.344-361, 2021

SOUSA, Milena Nunes Alves de; BEZERRA, André Luiz Dantas; ALEXANDRE, José Nildo Mota; ALMEIDA, Jank Landy Simôa; MOTTA, Vera Lúcia Barreto. Lazer e qualidade de vida na terceira idade: percepção dos idosos de um Centro de Convivência Campinense. **Qualitas Revista Eletrônica**, v.9, n.1, p. 0-14, 2010.

TAROZZI, Massimiliano. **O que é a Grounded Theory. Metodologia de pesquisa e de teoria fundamentada nos dados**. Petrópolis–RJ: Vozes, 2011.

TAVARES, Maria Augusta. Envelhecimento e trabalho na sociedade capitalista. **Revista Katálysis**, v.23, n.1, p.143-151, 2020.

TESTON, Elen Ferraz; MARCON, Rubia Maiara Silva; MARCON, Sonia Silva. Processo de envelhecimento sob a ótica de idosos participantes de um centro de convivência. **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde**, v.35, n.1, p.97-104, 2014.

TRINDADE, Zeide Araujo; SANTOS, Maria de Fátima Souza; ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira. Ancoragem: notas sobre consensos e dissensos. In: ALMEIDA; SANTOS; TRINDADE. **Teoria das Representações Sociais: 50 anos**. 2.ed. Brasília: Technopolitik, 2014.

UNITED NATIONS POPULATION FUND (UNFPA). **Envelhecimento no Século XXI: Celebração e Desafio**. Fundo de População das Nações Unidas, Nova York, 2012.

VASCONCELOS, Carlos Eduardo. O Sujeito de Desempenho da Pós-Modernidade. **Controvérsia (UNISINOS)**, v.15, n.1, p. 16-25, 2019.

VERAS, Renato Peixoto. (2011). Estratégias para o enfrentamento das doenças crônicas: um modelo em que todos ganham. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 14, n.4, p.779-786, 2011.

VIEIRA, Rodrigo de Sena e Silva; LIMA, Marcus Eugênio Oliveira. Estereótipos sobre os idosos: dissociação entre crenças pessoais e coletivas. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 4, p.947-958, 2015.

XAVIER, Flávio; FERRAZ, Marcos; MARC, Norton; ESCOSTEGUY, Norma; MORIGUCHI, Emílio. Elderly people s definition of quality of life. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v.25, n.1, p.31-39, 2003.

WALKER, Alan. A European perspective on quality of life in old age. **European Journal of Ageing**, v.2, n.1, p.2–12, 2005.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Global report on ageism**. Geneva: World Health Organization (2021).

WORLD HEALTH ORGANIZATION QUALITY OF LIFE (WHOQOL Group). World Health Organization quality of life assessment (WHOQOL): position paper from the World Health Organization. **Social science & medicine**, v.41, n.10, p. 1403-1409, 1995.